



Ari [Follow](#)

Eu me entendo escrevendo.

Dec 10, 2017 · 5 min read

#### 4 POEMAS DE TATIANA NASCIMENTO

Tatiana Nascimento dos Santos é poeta, cantora e tem uma editora de livros artesanais (junto a Bárbara Esmenia), a Padê Editorial. Para conhecer mais visite o blog dela: <https://palavrapreta.wordpress.com/>.

#### **Taipa (o big-bang do criacionismo)**

curar não significa nunca mais  
vai doer,  
feliz não significa nunca mais  
vai chorar

ser forte não é rigidez  
(aquebrantável; tem alguma coisa,  
na fragilidade, pra se  
aprender)

matéria é uma casa que habita a gente no  
finito da jornada. mesmo que cimento  
prometa eternidades, é de mariô y  
barro a lembrança da acolhida

(palha, ou clorofila morrida, y  
tecnologia de terra muito molhada  
que a primeira deusa, velha, lenta, macerou)

perfeição é o nome de um deus:  
botamos pra morar na nossa  
falha. a gente é nada mais

que poeira das colisões estelares,  
a gente, poeira de toque e o

dissolver as estrelas:

um registro do fim  
um pedaço do nada  
um silêncio de vácuo  
a memória do brilho, do

brilho

y saudade  
do infinito.

. . .

**Apocalipse Queer ou Cuíer A.P. (ou oriki de Shiva)**

nós vamos destruir tudo que você ama  
e tudo que c chama “amor”  
nós vamos destruir

porque c chama “amor à pátria”  
o que é racismo  
c chama “amor a deus”  
o que é fundamentalismo  
c chama “amor pela família”  
o que é sexismo homofóbico y  
c chama transfobia de “amor à natureza”  
c chama de “amor pela segurança”  
o que é militarismo  
y o capitalismo  
c chama de “amor pelo trabalho”  
o que c chama de “amor à humanidade”  
é especismo, y esse seu “amor pela Palavra”  
na real é só um caso histórico de má-tradução—que  
conveniente, chamar deus de “ele”, mas se  
liga: nós somos seu apocalipse  
cuíer. y o que c chama de  
“amor pela liberdade”,  
“pela justiça”, toda

essa sua ideia de “civilização” é  
assassinato, é genocídio,  
quer matar tudo  
que ri, que goza, que dança,

quer matar a gente.

mas a gente vinga

que nem semente daninha:  
a gente sobre  
vive!

tá vendo? já começou!  
sente a pulsação vibrando  
o chão: é o beat do nosso coração!

porque a gente, que você amaldiçoa  
em nome do seu amor doentio  
normativo,  
segregador,  
a gente que é amante,  
a gente é que vive y espalha

amor.

. . .

### **cuíer paradiso**

pra mim,

o paraíso cuíer podia ser um lugar muito simples:  
encostar a cabeça no meio das suas teta, ou  
te receber no meio das minhas coxa

e depois ir ali na padaria contigo, tomar um suco  
(laranja com banana y açaí),  
passar a mão no seu cabelo (te reconheci  
pelo seu “corte preciso”)

sem ter que usar armadura,  
sem ter que antecipar resposta,  
sem ter que aprender como dá murro e nem  
mapear o espaço antes de entrar

pra ver quem tá lá  
imaginar  
que ameaças eles fariam  
quantos são  
se viram a gente, se nos seguiriam

pra mim o paraíso cuíer podia ser menos burocrático que  
casamento igualitário regulado pelo estado  
(porque é o mesmo estado que paga  
a polícia, lembra?)

podia ser menos desesperado que a paixão inteira num dia só  
(calma,  
amanhã eu  
posso vir aqui, y  
depois de amanhã a gente vê, mas quando você vier  
eu vou gostar de te ver)

podia ser menos agoniado que vinte reuniões na mesma semana  
(com palavra de ordem / questão de ordem  
contra todas as ordens mas  
organizando tão igual...)

podia ser menos vigiado que todomundo perguntando se é aberto ou  
fechado,  
ou como a gente tá junta de novo se já tinha terminado,  
ou “c num sabia que ela tinha um namorado?”

podia ser menos tudo que dá esse cansaço, essa desesperança, essa  
desconfiança  
pra mim um paraíso cuíer podia ser mais tranquilo, mais respirado  
podia ser eu y você num dia ensolarado

(mesmo que daqui a pouco fosse cada uma pra um lado;  
eu ia gostar. ah, e a parte do pecado, essa parte  
eu ia gostar também)

eu tô tão cansada de ter que corrigir o mundo inteiro na minha cabeça y  
ele  
continuar errado... de tentar resistir, responder (sem esquecer de  
dançar,  
de sorrir) e ver que eu vou morrer sem nada tá mudado,  
mudado mesmo

pra mim o paraíso cuíer ia ser deitar um pouco do seu lado, ver  
seu rosto dançando na fumaça, a cortina respirando sua janela,  
pulmão

a céu aberto: exposto, delicado,

mas forte.

sentir seu coração conversar com a pele do meu ouvido enquanto a  
noite vira dia

y a rua esvazia o silêncio com aqueles barulho de dia acordando,  
pássaros avisando, vizinho

cantando cedo, transporte público começando tarde (afinal, é o DF)...  
um pouco de qualquer coisa que me traga a coragem da sua

calma

. . .

### **Lundu**

vem cá, deita em mim que nem ar que de tanto amar a gravidade deita  
em cima de tudo que tem na superfície dessa terra y empurra quem tá  
dentro dela, ou que nem água vai se deitando em ondas sobre toda  
areia de qualquer praia pela dança do humor das marés, vindo indo no  
fluxo do vento, da lua, do sol até, se te fizer sentido

ou chama de F31.oceânicas se te apetecer, que elas são imprevisíveis  
pra afofação contida dum relógio, um diagnóstico (de “doença  
mental”). mas vem, deita aqui que eu te recebo, y todo seu desejo  
refluente mas sempre

presente, ao mesmo tempo embrulhado y anunciado do silêncio que  
suas várias vozes calam,

mas sempre

presente. eu quero que c me queira tanto y lento que nem um anú  
pairando no vento, pra quem o ar é casa tanto quanto a asa é força da  
expressão de sua graça, da engenharia sutil do seu povo, uma herança  
(alada),

que c pouse esse eu me tremer aqui dentro num sopro de saliva quente  
que nem vida significa ar prum anú muito além da pérola macia da  
pleura dele

no querer do seu desejo meu desejo refez inteiro (veja bem, eu não  
nasci lésbica)  
na arrebentação do meu desejo te quero oceano ao avesso (uma  
hipotenusa desértica)

é assim que eu sinto o que é dialética,  
y esse meu abandonar também é

uma diáspora

tem um som  
um som que o seu cabelo faz no meio do meus dedo  
é quase um tom específico de crespo  
guardado entre as camadas de uma voz sua sampleando cada pétala de  
flores como na sua boca toda tragédia fosse  
virar música de novo  
beat  
box

é que eu te vi dançar, eu te vi dançar eu te vi dançar y em menos que  
um instante eu já sabia que tudo ia fugir dentro de mim se eu não te  
respirasse feito um cheiro antigo estranho familiar  
nítido  
se c não fosse a pele exata da noite embaixo do sonho escuro de  
minhas

pálpebra

aí eu voltei lá y prometi pra todas elas, ondas do vento, sopro do mar,  
gotas de sol fossilizando na minha pele o corpo evaporado de água-mar  
em pedrículas de alma-sal, uma lembrança  
eu prometi que eu fazia um lundu pra você quando esse desejo  
chegasse  
y recuasse  
avançasse  
y recuasse

assentasse  
y recuasse molhando fundo ancestral perene turvo tudo que  
transborda de você y eu na beira desse abismo, beira do mar.  
na beira do mundo, as ondas deitam na maré pra encher  
assim como vento deita num pulmão pra suceder  
a escuridão no horizonte pra anoitecer  
y eu  
deito  
em você.

(versã 35?)

